

A autonomia da razão e a razoabilidade do dom da fé em Blaise Pascal

The autonomy of reason and the reasonableness of the gift of faith in Blaise Pascal

ROBSON STIGAR

Doutor em Ciência da Religião - PUCSP
E-mail: robsonstigar@hotmail.com

EDENILSON FERNANDO DO NASCIMENTO

Monge Trapista do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo - Campo do Tenente/PR
E-mail: edenilsonfnascimento@gmail.com

Resumo: O presente trabalho apresenta uma breve reflexão sobre a pessoa de Blaise Pascal em torno da Autonomia da Razão e a Razoabilidade do Dom da Fé. No primeiro momento, enalteçemos sua biografia no aspecto cultural e histórico. Abordamos, na sequência, as razões do coração que a razão ignora, assunto fundamental a partir do qual Pascal desenvolve seus pensamentos. A partir da experiência de Pascal, no terceiro momento, tratamos do ser humano em Deus, oportunidade em que o autor expõe suas brilhantes reflexões e ideias a respeito da Encarnação de Jesus Cristo registrada nos evangelhos. No quarto momento, apresentamos o que realmente pensa Pascal ao desenvolver uma reflexão sobre como o homem pode diluir-se em Deus, levando o ser humano à experiência de Abandono do seu ser em Deus. Por último, tocamos no tema central, a Autonomia da razão e a Razoabilidade do Dom da fé, destacando alguns subtópicos – as verdades eternas e as verdades humanas, o método ideal realiza a “arte de persuadir”, o “esprit de finesse”, o homem é o objeto sobre o qual a filosofia deve refletir, a fé não depende da razão porque é dom de Deus – e encerramos com a reflexão Deus existe ou então não existe? Neste caminho, apresentamos um pouco da pessoa de Pascal. É notória a profundidade de seu pensamento e vale mencionar, com base na sua experiência espiritual intensamente vivida nos poucos anos de sua vida, o toque místico de suas palavras e expressões.

Palavras-chave: Blaise Pascal. Fé. Razão. Transcendência.

Abstract: The present work presents a brief reflection on Blaise Pascal concerning the Autonomy of Reason and the Reasonableness of the Gift of Faith. In the first moment, we praise his biography from a cultural and historical point of view. Then we address the reasons of the heart that reason ignores, a fundamental subject from which Pascal develops his thoughts. From Pascal's experience, in the third moment, we deal with the human being in God, an opportunity in which the author exposes his brilliant reflections and ideas about the Incarnation of Jesus Christ recorded in the Gospels. In the fourth moment, we present what Pascal thinks when he develops a Reflection on how a man can dilute himself in God, leading the human being to the experience of the Abandonment of his being in God. Finally, we touch on the principal theme, the Autonomy of reason and the Reasonableness of the Gift of Faith, highlighting some subtopics: eternal truths and human truths, the ideal method realizes the art of persuading, the esprit de finesse, man is the object on which philosophy must reflect, faith does not depend on reason because it is God's gift; and we close with the reflection God exists or not? On this path, we present a little of Pascal.

The depth of his thought is remarkable, and it is worth mentioning, based on his spiritual experience intensely lived in the few years of his life, the mystical touch of his words and expressions.

Keywords: Blaise Pascal. Faith. Reason. Transcendence.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Blaise Pascal desenvolveu uma reflexão sobre o método ideal, comunicando que o saber científico é autônomo e diferente das verdades de fé. Para Pascal, o ideal do saber é aquele que permite captar a riqueza e a profundidade da vida, ou seja, pelo “esprit de finesse”. É o pensamento que torna o homem diferente de todos os outros seres criados. O homem nada mais é que um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Ao abordar o tema da fé, Pascal defenderá que esta não depende da razão, pois é dom de Deus. A fé nem sequer depende do homem.

Em sua experiência pessoal, Pascal conclui que o homem sem Cristo está no vício e na miséria. Fica o desafio de diluir-se em Deus, isto é, diluir o próprio “eu” no oceano da divindade, como uma pequena gota de água se desfaz e perde na imensidade do oceano. Assim como é possível um “corpo espiritual”, conforme prova o fato da ressurreição de Cristo, assim deve ser possível também o espírito humano se diluir completamente na divindade sem perder a sua consciência individual.

Nesse contexto, o presente artigo objetiva refletir sobre autonomia da razão e a razoabilidade do dom da fé no pensamento de Pascal. Para tanto, abordaremos a vida do autor e o contexto histórico-cultural de sua época; sua teoria sobre a razão; a relação do humano com Deus; o processo da revelação; por fim a teoria das verdades eternas e humanas.

2 DA BIOGRAFIA: CONTEXTO CULTURAL E HISTÓRICO

O filósofo Blaise Pascal nasceu em Clermont-Ferrand, França, a 19 de junho de 1623. É filho de Étienne Pascal, presidente da corte de Apelação, alto magistrado e homem de vasta cultura, dado especialmente aos estudos científicos, matemáticos e físicos, e de Antoinette Bégon.

Segundo Chauí (1979, p. 06), “Pascal revelou desde cedo um espírito extraordinário, não só pelas respostas que dava a certas questões que ele próprio levantava a respeito da natureza das coisas”. Tendo perdido a mãe com apenas três anos de idade e sendo o único filho do sexo masculino, o pai apegou-se demasiadamente a ele e se encarregou de sua instrução, nunca o enviando a colégios. Em 1631, Étienne Pascal, pai de Blaise Pascal, transferiu-se para Paris, com a intenção de cuidar melhor da educação dos filhos, Blaise Pascal estava com sete anos de idade. Para não sufocar sua infância, o pai sabiamente o ocupava de coisas que o julgava capaz de realizá-las, postergando, desse modo, o estudo do Latim para o início de sua adolescência, para que aprendesse com maior facilidade.

O matemático La Pailleur, amigo do pai de Pascal, ficou impressionado com a precoce genialidade do jovem e o introduziu no cenáculo científico (a “academie”) do

Padre Marin Mersenne, cenáculo que era frequentado por físicos e matemáticos como Desargues, Roberval, Gassendi e Carcavi.

Em 1652, Pascal passou a se interessar por problemas matemáticos relacionados com os jogos de dados. As pesquisas que fez a esse respeito conduziram-no à formulação do cálculo das probabilidades, que ele denominou Geometria do Acaso. Um dos últimos trabalhos científicos de Pascal nesse período é o Tratado sobre a questão dos “infinitamente pequenos”.

Em 1651, morreu o pai de Pascal. Depois da morte do pai, seu fervor religioso arrefeceu um pouco, iniciando-se o chamado período mundano de Pascal. Em janeiro de 1652, Jacqueline, irmã de Pascal, ingressou em Port-Royal, onde tomou o véu no mês de maio. Ela identificou-se intensamente com a vida religiosa, avançando destacadamente nas etapas de formação. Ela morreu aos trinta e seis anos, depois de ter cumprido as mais difíceis funções.

Em 1655, Pascal transcorreu algumas semanas junto aos “solitaires” de Port-Royal e provavelmente a esse período remonta a *Conversa com o Senhor De Saci sobre Epícteto e Montaigne e outros escritos*. Jacqueline insistiu junto a Antoine Singlin (1607-1664), um dos mais estimados diretores espirituais de Port-Royal, para que guiasse Pascal em seus primeiros passos. Posteriormente, Pascal foi confiado a De Saci (1613-1684), sobrinho de Antoine Arnauld e de Madre Angélica.

O *Manual de Epícteto e uma seleção de discursos* e os *Ensaios de Montaigne* eram livros com os quais Pascal tivera um longo relacionamento. Para Pascal, Epícteto viu a grandeza do homem, mas não a corrupção da natureza humana, ao passo que Montaigne, ao contrário, só viu miséria.

Pascal foi decisivamente marcado por um acontecimento, que determinou a mudança de sua trajetória espiritual: o milagre do Santo Espinho. Como afirma Chauí (1979, p. 8),

[...] foi por esse tempo que aprouve a Deus curar minha filha de uma fístula lacrimal que a afligia há três anos e meio. Essa fístula era maligna e os maiores cirurgiões de Paris a consideravam incurável; e enfim Deus permitiu que ela se curasse tocando o Santo Espinho que existe em Port-Royal, e esse milagre foi atestado por vários cirurgiões e médicos, e reconhecido pelo juízo solene da Igreja.

A cura de sua sobrinha e afilhada repercutiu profundamente em Pascal. Antes de morrer, Pascal quis se confessar e comungar. Deixou de viver precisamente a uma hora de 19 de agosto de 1662. Morreu de tumor abdominal, aos 39 anos e 2 meses.

3 AS RAZÕES DO CORAÇÃO QUE A RAZÃO IGNORA

A maneira como Pascal expressa suas ideias é de uma linguagem fluidamente interior. É que, detrás da cristalina nitidez de pensamentos, alargam-se mundos de infinita grandeza e amplitude, universos em evolução, realidades ainda não plenamente

diferenciadas – como células primitivas, têm as portas abertas para todos os lados, para todos as possibilidades evolutivas, para todos os horizontes de tempo e do espaço.

Pascal é o grande advogado do coração, porque sente intensamente os horizontes infinitos que se alargam para além das extremas barreiras da inteligência. Sabe que inteligência alguma, por mais poderosa e audaz, conseguirá jamais transpor essas fronteiras. Por isso, proclama ele a hegemonia do coração sobre o império do intelecto. O coração, em seu sentido mais panorâmico e integral, é o misterioso órgão pelo qual o infinito se manifesta ao finito; é o “porto de invasão” da Divindade na vida humana; é a antena que apanha as ondas espirituais que percorrem o universo invisível.

A inteligência é como a nossa visão natural, que percebe apenas determinada escala de vibrações etéreas, as que ficam entre o violeta e o vermelho; ao passo que o coração é comparável a uma faculdade visual que percebe as vibrações sutis e infinitesimais que ficam na zona ultravioleta. Por essa razão, proclama Pascal o coração como a mais alta faculdade cognoscitiva, como a síntese e quintessência de todo o conhecimento que o homem possa ter no mundo suprassensível e ultra intelectual. O coração é, para ele, o “organum Dei”, o aparelho que revela a existência de Deus e isto não por um tal ou qual ato de fé intelectual, mas mediante o amor, que é a fé na mais alta potência.

Os “pensées” são o cântico dos cânticos da fé que se manifesta pelo amor. A serviço dessa fé e desse amor coloca Pascal todos os fulgores da sua poderosa inteligência, toda a dinâmica da sua linguagem de beleza e harmonia. Nada mais comovente e encantador do que esse espetáculo, de ver um dos príncipes intelectuais da humanidade imolar a sua razão sobre o altar do coração, a fim de encontrar a Deus, o Deus das suas grandes saudades.

Se houvesse cristão sincero que, com todas as veras do seu ser, procurasse conhecer e possuir a Deus, através do seu enviado Jesus Cristo – então foi Pascal. O racionalismo não lhe perdoará jamais haver proclamado a soberania do coração sobre o imperativo da razão; o dogmatismo teológico não lhe perdoará nunca ter apelado de Roma para Deus – mas todo cristão sincero vê em Pascal o arauto de um cristianismo genuíno e íntegro – cristianismo que, nos séculos vindouros, como esperamos, virá a ser bem comum da humanidade espiritual.

Os grandes antecedem, por séculos e milênios, a história do grosso da humanidade; são como os excelsos píncaros das montanhas que apanham e refletem os raios solares muito antes que a claridade diurna se difunda pelos vales e pelas baixadas. É que o coração tem razões que a razão nada sabe.

4 O SER HUMANO EM DEUS

Em função de Cristo, Pascal estabelece a verdadeira relação entre os dois Testamentos: o antigo revelaria a justiça de Deus, perante a qual todos os homens seriam culpados pela transmissão do pecado original; o Novo revelaria a misericórdia de Deus, que O leva a descer entre os homens por intermédio de seu Filho, cujo sacrifício infunde a graça santificante no coração dos homens e os redime.

A ideia central de Pascal sobre o problema religioso é a de que sem Cristo o homem está no vício e na miséria; com Cristo, está na felicidade, na virtude e na luz. Essa

questão está presente na obra *Oração para pedir a Deus o bom uso das doenças*, na qual se percebe que a culpa feliz a que foram destinadas a Encarnação e a Redenção constituem-se uma resposta de Deus. Tal ponto é central para a visão que Pascal tem do cristianismo, mas, por alguma razão, os seus críticos a substituíram por outro tema, o do Deus escondido, como representante da Apologia de Pascal e do jansenismo (por mais definido que seja) em geral. Implantada nessa observação está uma hipótese sobre a história humana, nomeadamente a Queda, que busca explicar, melhor do que qualquer outra hipótese válida, a infelicidade atual do homem e a sua persistente procura da felicidade.

Parte da infelicidade envolve uma visão do futuro individual depois da morte e da incapacidade do homem, entregue a si próprio, de encontrar qualquer garantia sobre o além. Assim, num sentido fundamental, a primeira metade dá-nos uma imagem da infelicidade humana no presente e oposição às origens humanas no passado mais remoto e ao destino humano num futuro eterno. A hipótese da feliz culpa, um pecado original que afeta todos os homens, ligada a uma redenção eterna, oferecida a todos os homens, mas realmente gozada por alguns, é o modelo cristão correspondente a esta cronologia, e é com ele que Pascal começa a segunda parte da Apologia.

Não simples hipótese, mas registro histórico preservado na Escritura, a revelação cristã para Pascal é única pela sua continuidade, a partir do primeiro homem, e pela sua perpetuidade até ao fim dos tempos. Enquanto mencionava Cristo de vez em quando, na primeira parte, as provas da infelicidade humana eram efetuadas em grande parte no contexto de um criador remoto. Com a revelação da fé, essa imagem, que se podia chamar, razoavelmente, a do Deus escondido, muda completamente, de modo que todo o resto da Apologia é dedicado a uma demonstração de que Cristo enche toda a história humana.

No Antigo Testamento, Cristo está presente nas profecias messiânicas, já no Novo Testamento, pela sua vida, pregação e morte, e depois pela Igreja, o seu corpo. Toda primeira parte depende da premissa da infelicidade humana, toda a segunda parte depende da autenticidade da Escritura como registro verdadeiro e histórico. É essencial, para o argumento de Pascal, que a revelação cristã seja demonstrável pela Escritura e não ser apenas uma mitologia edificante ou uma religião de mistério.

O resultado dessa insistência na Escritura é duplo: leva a uma visão muito precisa da história humana e a uma visão muito precisa do papel de Cristo nessa história. Em termos modernos, Pascal, como a maioria dos seus contemporâneos, era fundamentalista. Acreditava que havia um primeiro homem, Adão, criado em estado de graça, do qual, num momento identificável da história do mundo, saiu pelo pecado.

De outro modo, na opinião de Pascal, o Antigo Testamento é uma fábula e o Novo Testamento nada realiza. Pascal dava grande importância, talvez até demasiada, à tipologia, que ele chamava figuras, e, de fato, a maior parte do tema do Deus escondido deriva deste realce dado à tipologia. Vale a pena insistir que a conversão de Pascal, de modo algum, modificou a sua abordagem científica, o seu respeito pelos fatos e a sua abertura intelectual. O homem, pensava ele, era diferente em gênero e não apenas em grau dos animais, porque tinha uma alma imortal e o poder da razão.

Até este momento não se tinha feito qualquer escolha moral na terra, mas, por mais interpretada que seja, o homem tornou-se a primeira criatura a rebelar-se contra o

criador e o ambiente. Essa rebelião pode ser considerada como uma sensação de afastamento na vida humana, e, para Pascal, era inseparável dos seus efeitos na vida eterna para a qual só o homem, entre todos os animais, tinha sido criado.

Eram essenciais, no esquema de Pascal, a tradição e a religião judaica. Havia também a tradição da Queda e com isso mostrava fé num futuro Messias. Para Pascal, a moralidade existe no mundo a partir da existência do homem, como primeira criatura.

Qualquer que seja a parte de verdade que outras raças e religiões possam ter tido ou ainda tenham, Pascal nunca poderia compreender a única encarnação histórica registrada nos Evangelhos. Essa encarnação, no seu ponto de vista, era verdadeiramente Deus a tornar-se homem. Com a morte e a ressurreição de Cristo, a promessa de vida eterna foi restabelecida, e com ela a possibilidade de vencer a infelicidade na vida do homem na terra. A Queda, Encarnação e Redenção ainda são matéria de fé pura, não de demonstração racional.

Uma das objeções feitas por descrentes é esta: se é certa a revelação de Deus presente nos textos proféticos, depois confirmada nos Evangelhos, como se explica a incapacidade de quase todos os judeus e de muitos gentios a verem?

O coração e a vontade podem ser movidos por impulsos mais elevados ou mais baixos: para baixo, pela concupiscência, tornando-se carnis e grosseiros; para cima, pela caridade, para se tornarem espirituais. Com esse movimento, e não com a concordância intelectual, a religião e a vida espiritual se preocupam. Essa confusão resulta precisamente nessa cegueira de que o Deus escondido é a expressão. Um fragmento em especial resume, em estâncias quase líricas, muitos dos argumentos da Apologia: a distância infinita entre corpo e espírito simboliza a distância infinitamente mais infinita entre espírito e caridade, porque a caridade é sobrenatural.

A grandeza da sabedoria, que não é nada se não vem de Deus, não é visível para as pessoas carnis ou intelectuais. São três ordens diferentes em espécie. A teoria das ordens, a dignidade do pensamento, a insuficiência da natureza dualista do homem, o Deus escondido estão todos ali. O terror solitário no cosmo, a morte solitária ou o ego dominador, todos, têm cura na revelação cristã.

Assim justifica Pascal as afirmações categóricas:

Só conhecemos Deus por Jesus Cristo. Sem este mediador toda a comunicação com Deus se interrompe [...] Não só é impossível como inútil conhecer Deus sem Cristo [...] Só nos conhecemos por Jesus Cristo; só conhecemos a vida e a morte por Jesus Cristo. Fora de Jesus Cristo não podemos conhecer o significado da nossa vida e da nossa morte, de Deus e de nós próprios. Assim, sem Escritura, cujo único objeto é Cristo, nada sabemos, e só podemos ver obscuridade e confusão na natureza de Deus e na própria natureza (PASCAL, 1979, p. 250-252).

Alternativamente, como exprime uma frase num fragmento mais extenso, “Jesus Cristo é o objeto de todas as coisas, o centro para que todas as coisas tendem. Quem o conhece sabe a razão de tudo” (PASCAL, 1979, p. 266). O mesmo fragmento mostra: “Mas sem Cristo o mundo não continuaria a existir, porque ou teria de ser

destruído ou de ser uma espécie de inferno” (PASCAL, 1979, p. 266). Longe de ser um Deus escondido, o Deus revelado em Cristo é um Deus de amor e consolação.

Aqui, finalmente, se pode ver que a ordem da caridade realmente significa para Pascal a ordem do amor divino, sem o qual tudo permanece caótico e hostil para o homem. A consequência fundamental de a aceitar é que o homem pode encontrar uma nova harmonia dentro de si próprio, o corpo e o espírito a trabalhar juntos em vez de estarem em desacordo, em obediência ao coração, governado pelo amor e pela caridade.

O amor perfeito elimina o medo, e o Deus, cuja misericórdia para conosco nos foi mostrada na Encarnação e na Redenção de Cristo, já nos deu o amor, que só temos de aceitar para retribuir. “Como todos somos corruptos e incapazes de amar a Deus, Deus fez-se homem para se unir a nós” (PASCAL, 1979, p. 211).

5 DILUINDO-SE EM DEUS

O analfabeto ou principiante na espiritualidade considera Deus como um ser longínquo, transcendente, que habita para além das nuvens e das estrelas do firmamento. A esse Deus longínquo envia ele, sobretudo quando em apuros, os seus clamores, as suas preces. Assim pensa e age o homem inexperiente.

Da ideia de um Deus transcendente à experiência do Deus imanente vai tão enorme distância, tão profundos abismos, que milhares de homens não conseguem jamais realizar essa jornada da longínqua transcendência a propínqua imanência. Essa viagem, da periferia para o centro, parece mais difícil do que uma subida do Himalaia ou uma expedição ao centro da terra.

O que é mais estranho: muitos têm medo de admitir um Deus que esteja dentro deles. Não lhes parece bastante divino esse Deus. Outros mais felizes, regressando de exaustivas peregrinações periféricas, encontram, enfim, no centro do eu, o Deus imanente de que Jesus falava. Por maior que seja a sua fome de divinização, julgam cometer um como que suicídio do seu eu individual, diluem o seu eu no oceano da divindade, como uma pequena gota de água se desfaz e perde na imensidade do oceano.

Os sinceros bandeirantes da divindade, depois de convertidos da periferia para o centro, receiam que a vida espiritual, que é o início da visão beatífica e da eterna fruição de Deus, seja uma completa e irrevogável absorção do eu por Deus, uma total despersonalização, consistiria na extinção da consciência individual. O ser humano deixaria de existir como tal, como um indivíduo especificamente humano, embora continuassem a existir as suas partes integrantes, dissolvidas e dispersas na interminável vastidão da consciência divina. O certo é que a eterna e perfeita felicidade do homem não pode consistir na definitiva destruição daquilo que é precisamente o característico do seu ser, a sua consciência individual. Esse cristal do eu não pode jamais cristalizar-se nem mesmo a favor do mais poderoso Tu que existe, o Tu divino.

Uma alma inconsciente não seria, em caso algum, uma alma feliz, porquanto seria uma não-alma, um não-Eu humano. Ora, para que um ser possa ser feliz, é necessário que exista especificamente com esse ser. O homem, essencialmente consciente, só pode ser feliz na suprema perfeição da sua consciência individual. Por outro lado, é realmente difícil ao nosso fraco intelecto conceber como possa o Eu humano entregar-se sem reserva ao Tu divino, “perder-se em Deus” (PASCAL, 1979, p. 269).

O mais alto grau da salvação e beatitude humana consiste, pois, na sua “perdição em Deus”. Deve, pois, haver compatibilidade entre a retenção da consciência individual e sua diluição em Deus. O que ao intelecto parece paradoxal e impossível deve ser possível numa zona que ultrapasse as especulações da nossa matemática e filosofia.

Assim como é possível um “corpo espiritual”, conforme prova o fato da ressurreição de Cristo, assim deve ser possível também o espírito humano diluir-se completamente na divindade sem perder a sua consciência individual. Limitemo-nos a encarar o fato inegável de que é a alma, e não o “remédio”, que cura o corpo. O “remédio”, é certo, tem a sua função, que é a de desobstruir o caminho para que a alma possa passar e desempenhar a sua atividade reconstrutora.

Qual menor material for o “remédio”, quanto mais energético e dinâmico, tanto mais se aproxima ele da natureza da alma, e tanto mais seguramente pode agir e desempenhar o seu trabalho de precursor e desobstruidor. Logo o eu humano no oceano imenso do tu divino não produz uma destruição da consciência individual. Antes potencializa a consciência humana pela imersão na consciência divina. Quanto mais profunda e intensamente a alma se “perder” em Deus, tanto mais salvará e aumentará a sua consciência individual.

Para que essa misteriosa diluição em Deus atinja o máximo grau da sua intensidade, na vida presente, uma coisa é necessária e absolutamente indispensável: que a alma se reduza à expressão mais simples, que solva todos os seus complexos e todas as suas complicações mundanas e egoísticas; que revogue todas as ramificações através do mundo profano e anti-divino; que desnaça e que estabeleça dentro de si um grande e silencioso vácuo, uma vasta, profunda e universal nulidade. A alma só poderá fluir livremente para dentro do oceano divino depois de se “desegoficar” e revogar todos os seus compromissos egoísticos, uma vez que essa diluição na divindade é uma espécie de recosmificação e um regresso à primeira fonte de todas as coisas.

Sem amor não há redenção, porque sem amor não há diluição em Deus. Todo egoísmo é desamor e anti-amor-portanto, irredenção. O homem que atingiu o seu centro espiritual e ali encontrou a Deus e o reino do céu é o único homem que pode realmente fazer bem a seus semelhantes. Da periferia não se pode atuar eficazmente sobre a periferia; só do centro é possível uma atuação eficiente sobre a zona periférica.

A capacidade espiritual da alma é, *de per si*, ilimitada. Por outro lado, a abundância das torrentes divinas também é sem limites. No estado presente, apesar da ilimitada capacidade potencial do espírito, não é ainda possível esse enchimento cabal. Em vez duma progressiva beatitude que o crescente fluir da divina torrente deveria produzir no homem espiritual, aumenta nele o sofrimento na razão direta da sua abundância.

Esse sofrimento não é, propriamente, produzido pela torrente considerada em si mesma, mas resulta da crescente pressão que as impetuosas águas da divindade exercem sobre o leito humano em que se lançam e que, por mais largo que seja, é sempre estreito demais para conter em sua humana finitude a infinitude de Deus. Na confluência do divino e do humano reside a dor.

A alma, uma vez liberta do corpo, alargará quase ao infinito os limites da sua capacidade receptiva. Pascal tinha uma noção extraordinariamente clara da necessidade

dessa evacuação do Eu como condição indispensável para o advento da plenitude de Deus. A tal extremo chegou a sua “humildade” – nome comum, que se dá a essa vacuidade – que não admitia homenagem da parte de quem quer que fosse. Qualquer homenagem lhe parecia mentira e insinceridade para consigo mesmo.

6 AUTONOMIA DA RAZÃO E A RAZOABILIDADE DO DOM DA FÉ

A realidade do homem é um “prodígio” complexo, enigmático, contraditório, profundo e rico de infinitos aspectos. E, segundo Pascal, os muitos princípios que dizem respeito à realidade do homem “são apenas entrevistados, são mais sentidos do que vistos” (PASCAL, 1979, p. 187) – e são necessários esforços infinitos para dá-los a entender àqueles que não os entendem sozinhos. Trata-se de coisas tão delicadas e tão numerosas que é necessário um faro muito refinado e preciso para senti-las e julgá-las correta e justamente segundo esse sentimento, sem, muitas vezes, poder demonstrá-las metodicamente, como se faz em geometria. É preciso ver a coisa de golpe, com um só olhar, sem proceder por raciocínio. Por isso, é raro que os geômetras sejam intuitivos e os intuitivos sejam geômetras.

A razão não é um dado de fato; é muito mais um imperativo. Há outros domínios e outras realidades, que o *esprit de géométrie* não pode alcançar, mas que são alcançáveis através do *esprit de finesse*, isto é, através daquela visão verdadeiramente boa, não obnubilada por paixões e desejos. “A ciência das coisas exteriores não me consolará da ignorância da moral no tempo da aflição, mas a ciência dos costumes sempre me consolará da ignorância das coisas exteriores” (PASCAL, 1979, p. 272). Além disso, as verdades ético-religiosas são inteiramente estranhas à investigação científica, mas é precisamente delas que depende nosso destino e a elas, somente a elas, é que está ligado o sentido de nossa existência. Diz Pascal que as verdades divinas não são parte da arte de persuadir, “porque estão infinitamente acima da natureza: só Deus pode infundi-las na alma, e de modo como mais lhe agrada” (PASCAL, 1979, p. 253).

A explicitação da diferença existente entre as verdades de fé e as verdades científicas

[...] deve nos fazer lamentar a cegueira daqueles que, nas ciências físicas, apresentam apenas a autoridade como prova ao invés do raciocínio e das experiências, e devemos ter horror pela malícia daqueles que empregam apenas o raciocínio na teologia ao invés da autoridade das Escrituras e dos Padres (PASCAL, 1979, p. 254).

O saber científico é autônomo e diverso das verdades de fé: estas, além do mais, são imutáveis, ao passo que as verdades científicas estão e devem estar em expansão. Escreve Pascal nos pensamentos: “A fé é diferente da demonstração; esta é humana, a outra é dom de Deus. *Justus ex fide vivit* [...], mas essa fé está no coração e não nos faz dizer sei, e sim creio” (PASCAL, 1979, p. 261). O que é preciso fazer para tornar convincentes nossas demonstrações?

A razão é limitada; a vontade humana é corrupta; o homem se descobre essencialmente indigente e miserável; tenta fugir desse estado mergulhando na confusão do divertimento; mas a diversão revela-se uma miséria ainda maior, pois obstaculiza o caminho da redenção para o homem. E a salvação não é fruto da ciência nem da filosofia: “submissão e reto uso da razão: nisso consiste o verdadeiro cristianismo” (PASCAL, 1979, p. 114).

A razão é impotente diante das verdades éticas e religiosas: “O supremo passo da razão está em reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam” (PASCAL, 1979, p. 101). A fé, além disso, não só não depende da razão, mas, em última análise, não depende sequer do homem, porque é dom de Deus. Escreve Pascal: “não penseis que dizemos que ela é um dom do raciocínio. As outras religiões não falam assim de sua fé: dão apenas o raciocínio para que se chegue a ela; ele nunca a alcança. A fé é diferente da demonstração: esta é humana, aquela é dom de Deus” (PASCAL, 1979, p. 273).

Se a razão humana não conhece e não sabe avaliar a justiça, por si só ela tampouco pode chegar a Deus. Escreve Pascal:

As provas metafísicas de Deus estão distantes do modo comum de pensar dos homens e são tão confusas que se mostram pouco eficazes. É esse o resultado a que conduz o conhecimento de Jesus Cristo: comunicar-se sem mediações com o Deus que se conheceu sem mediador. Ao passo que aqueles que conheceram Deus pela mediação de um mediador conhecem sua própria miséria [...] O coração – e não a razão – é que sente Deus. E isto é a fé: Deus sensível ao coração e não à razão (PASCAL, 1979, p. 267).

Nossa razão é corrupta e nossa vontade é má. Nenhuma coisa humana pode nos satisfazer. Somente Deus é nossa verdadeira meta. Pois, “para ser verdadeira, uma religião deve ter conhecido nossa natureza. Deve ter conhecido a grandeza e a pequenez, bem como a causa de uma e de outra. E quem a conheceu senão a religião cristã?” (PASCAL, 1979, p. 53). Com efeito, substancialmente, a fé cristã nos ensina apenas estes dois princípios: a corrupção da natureza humana e a obra redentora de Jesus Cristo. O conhecimento da existência de Deus, portanto, é um dom de Deus. O verdadeiro Deus se dá a conhecer por meio de Jesus Cristo. E as verdades de fé não podem ser descobertas e fundamentadas pela razão.

A fé é dom de Deus. Mas a razão pode mostrar pelo menos que essa fé que supera a razão não é contrária à natureza humana. É uma fé que vem ao encontro da miséria humana, explicando-a e resolvendo-a. Consequentemente, se a fé é dom de Deus, então, mais do que procurar aumentar o número das provas da existência de Deus, há necessidade de diminuir nossas paixões.

Em suma, é preciso tornar-se disponível para receber a graça, embora se possa pensar que o próprio esforço moral de quem “busca gemendo” já é fruto de graça: “Nada compreendemos das obras de Deus se não tomarmos por princípio o fato de que ele quis cegar uns e iluminar outros” (PASCAL, 1979, p. 256). A graça é necessária, porque a queda

e a nossa natureza corrupta nos tornaram indignos de Deus. É Deus que se revela, mas o Deus que se revela é, ao mesmo tempo, em Deus *absconditus*:

Ele ficou oculto sob o véu da natureza que o cobre, até a Encarnação. E, quando veio para ele o tempo de se mostrar, ocultou-se ainda mais, cobrindo-se com a humanidade. Ele era bem mais reconhecível quando estava invisível do que quando se tornou visível. E, por fim, [...] decidiu permanecer no mais estranho e incompreensível segredo: as espécies eucarísticas (PASCAL, 1979, p. 84).

Jesus Cristo é a prova de Deus.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu analisar sistematicamente o pensamento de Pascal. Esperamos ter colaborado para o processo de formação. Pretendemos com este texto ter enriquecido um pouco mais o leitor que está também nesta busca da vida plena e do amadurecimento da fé.

Podemos concluir que, para os nossos dias, o pensamento de Pascal contribuiu muito para um melhor aprofundamento espiritual e humano. O episódio de seus dois momentos importantes de conversão tem muito a dizer ao ser humano de hoje, repleto de ocupações e ausente de si mesmo. Pascal exorta a necessidade de se cultivar uma espiritualidade autêntica e verdadeira, de ter o foco no coração, definido como sede para um contato autêntico com o Transcendente, que tantas e exaustivas vezes é buscado fora de si, sendo que Ele se deixa encontrar dentro de si.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Ideologia e Educação**. Campinas, SP: Conferência Unicamp, 23/nov. mimeo, 1979.

DURANT, Will. **História da Filosofia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

KRAILSHEIMER, Alban. **Mestres do passado**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

MAURIAC, François. **O pensamento vivo de Pascal**. São Paulo: Livraria Martins, 1941.

OLIVA, Luiz C. G. **Graça e livre arbítrio em Blaise Pascal**. São Paulo: USP, 1999.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 2005. v. 4.

RHODEN, Humberto. **Pascal**. São Paulo: União cultural, 1949.